

## CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM: A TEORIA E A PRÁTICA NUMA ABORDAGEM INTERACIONISTA

Loremi Loregian Penkal  
 Departamento de Letras  
 UNICENTRO  
 Irati - PR

**Resumo:** Neste artigo, são analisadas as concepções de linguagem que os alunos e professores de Imbituva – PR – têm internalizadas. Ao analisar as teorias sócio-interacionistas, percebemos que o aluno ao passar pelo Ensino Básico deve se tornar um ser crítico e atuante na sociedade. Para tanto, professores e alunos deveriam conceber a linguagem como meio de interação, destacando a natureza social e interativa da linguagem. Por isso, efetuamos uma pesquisa em dois colégios de Imbituva, para averiguar até que ponto as teorias interacionistas, principalmente os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – são utilizadas em sala de aula. Posteriormente, efetuamos a análise dos dados coletados, que apontam o distanciamento das teorias interacionistas na prática dos professores e as suas conseqüências na formação do educando.

**Palavras-chave:** Concepções de linguagem; ensino/aprendizagem; educação.

**Abstract:** This article studies the internalized language conceptions of teachers and students from the city of Imbituva, State of Paraná, in an attempt to examine if the socio – interactive theories proposals are being followed, in the sense that students should become critical and active beings in society after accomplishing the Elementary school. In order to fulfill these conditions teachers and students might conceive language as a means of interaction, emphasizing language’s social and interactive nature. For this reason, we carried out a research in two schools in Imbituva to find out how far the interactive theories, mainly the “National Curricular Parameters” ones – PCNs, are used in the classrooms, considering that “this conception points out the social and interactive nature of language, in opposition to the traditional concepts, which have been moved away from social use” (1999, p. 139). Later on, we made an analysis of the data collected, which show the distance between the interactive theories in the teachers’ practice and its effects in the students’ formation.

**Key-words:** Language conceptions; teaching / learning; education.

## 1. Introdução

Um dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa é fazer com que os estudantes desenvolvam e ampliem a competência lingüística, para que saibam utilizá-la nos diversos contextos em que possam se encontrar, sendo críticos e atuantes. Assim, são muitos os teóricos que propõem metodologias que compreendem tal objetivo de ensino.

Neste artigo, apresentamos uma análise das concepções de linguagem que alunos e professores de Imbituva – PR – têm internalizadas. Para tanto, efetuamos inicialmente uma pequena abordagem teórica, amparada pela linha interacionista de ensino, e na seqüência apresentamos a análise dos dados coletados, bem como uma reflexão acerca dos resultados obtidos.

A pesquisa foi realizada no ano de 2004, em dois colégios de Imbituva - PR, um particular e outro público, pois objetivava-se também verificar se havia diferença no encaminhamento adotado em sala de aula, nessas duas realidades de ensino, em relação às concepções de linguagem.

Além das observações em sala de aula, que totalizaram cinquenta horas/aula, aplicamos um questionário aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio e aos professores que ministraram aulas nessas turmas. As respostas possibilitaram avaliar qual a concepção de linguagem é trabalhada em sala e adquirida pelos alunos durante a passagem pelo ensino básico.

## 2. Concepções de linguagem

A linguagem é um processo fundamental na vida de qualquer indivíduo, pois é através dela que ele constrói conhecimentos, adquire cultura, expressa pontos de vista, defende idéias, assimila visões a respeito do mundo. Dessa maneira, o indivíduo torna-se parte integrante e transformador do universo social.

Porém, de que forma a linguagem é vista? De que forma está sendo concebida e compartilhada em nossas escolas? Podemos tomar isso como uma variável, pois segundo Geraldi (1990) e Travaglia (2000) há três formas de se conceber a linguagem. Podemos concebê-la como **expressão do pensamento**, como **meio de comunicação** e como **meio de interação**. A linguagem abordada como expressão do pensamento resume-se em: expressar-se, falar, relatar... mas, para isso acontecer, seria necessária uma organização lógica dos pensamentos para poder ocorrer a exteriorização dos mesmos. No entanto, perceberemos adiante que esta concepção já se tornou insuficiente nos dias de hoje.

A segunda abordagem concebe a linguagem como meio de comunicação. De acordo com a teoria da comunicação, na qual essa abordagem se ampara, teríamos que ter um emissor, um canal de transmissão e uma mensagem direcionada a um receptor. Neste sentido, podemos conceber a idéia de que para haver comunicação, ambos os envolvidos no diálogo devem utilizar os códigos de forma semelhante para que ocorra a decodificação da mensagem recebida.

Na terceira abordagem, a linguagem é tida como meio de interação, na qual o locutor e o interlocutor vão constituir compromissos e vínculos que não preexistiam à fala, ou seja, a partir do momento em que um locutor se dirige a um interlocutor, ele tem um objetivo ou uma intenção, que podem ser aceitos ou refutados pelo interlocutor. Podemos ver, de acordo com Travaglia (2000, p.23), que “nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)”.

Com isso, percebe-se que a concepção que abrange os vários fatores do ato comunicacional é a interacionista, como podemos observar nos PCN’s: “essa concepção destaca a natureza social e interativa da linguagem, em contraposição às concepções tradicionais, deslocadas do uso social.” (1999, p. 139). Desta forma, um falante estará apto em sua língua a partir do momento em que souber utilizá-la nos mais variados contextos e possibilidades de entendimento. Aqui, resgatamos um dos conceitos-chave da Sociolinguística: o conceito de adequação linguística, que consiste no fato de que o bom falante é aquele que sabe adequar sua fala à situação em que se encontra. Isto é, ambiente formal exige norma padrão, formal; enquanto ambiente informal exige fala coloquial, informal. No entanto, para que o indivíduo tenha essa consciência linguística, ele precisa ter acesso à norma padrão, incumbência atribuída à escola.

A concepção de linguagem que o professor tem internalizada é um fator que exerce grande influência na atuação em sala de aula. Conforme nos aponta Travaglia (2000), o professor que concebe a linguagem como expressão do pensamento vai abordar o ensino de forma prescritiva, que consiste em estipular regras e padrões de linguagem a serem seguidos.

Já o ensino descritivo, que se preocupa com a explicitação da estrutura, com a forma linguística, relaciona-se com a segunda concepção, pois vai apenas decodificar as regras inerentes à língua, sem impor e sem agir sobre elas, apenas descrevendo-as.

A terceira concepção de linguagem refere-se ao ensino produtivo, que consiste em desenvolver habilidades/competências linguísticas variadas para melhor fazer uso da língua.

Acredita-se, em consonância com Travaglia (2000), que um trabalho ancorado na concepção interacionista é o que melhor desenvolve a competência comunicativa do educando, pois o primeiro objetivo do ensino de língua materna é desenvolver a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de interação.

Passaremos, na seqüência, à análise dos dados que foram coletados na pesquisa, expondo um rápido comentário acerca da formação a que os alunos têm sido expostos, resultando, conseqüentemente, nas concepções de linguagem por eles internalizadas.

### 3. Concepções de linguagem dos alunos

A partir deste momento, dar-se-á início a uma análise das concepções de linguagem que os alunos trazem internalizadas. Para isso, tomaremos como apoio os questionários aplicados aos alunos, os quais dão sustentação à observação elaborada durante a coleta de dados.

O questionário é composto de dez questões. Perguntamos aos alunos se achavam importante o ensino de Língua Portuguesa; se é bom ou ruim estudar a disciplina de português; a importância e as dificuldades no ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa; a diferença entre língua e linguagem; qual a finalidade da escola em ensinar Língua Portuguesa; a importância da linguagem para a vida, etc. Desta forma, conseguimos alcançar um de nossos objetivos propostos no início desta pesquisa, que consistia em identificar a concepção de linguagem internalizada pelos alunos do Ensino Médio.

Como vimos anteriormente, algumas questões foram levantadas sobre as concepções de linguagem, quais sejam: “[...] de que forma a linguagem é vista? De que forma está sendo concebida e compartilhada em nossas escolas?” Essas respostas encontram-se nos questionários respondidos pelos alunos.

Na análise das respostas, chegamos a conclusão de que os alunos têm internalizada a concepção: linguagem é expressão do pensamento, pois, ao justificar suas respostas, obtivemos resultados em que os alunos argumentaram pautando-se pela visão tradicional de ensino. No decorrer dos exemplos, os alunos serão numerados para preservação de seus nomes, por exemplo, (A5 – 3) que corresponde ao aluno cinco do *corpus* e pergunta três. Observemos os comentários que seguem abaixo:

1- Na sua opinião, o ensino de Língua Portuguesa na escola é importante ou não? Justifique sua resposta.

“Sim, é importante, pois muitas pessoas não sabem se expressar e falar a nossa língua corretamente, assim com o ensino na escola podemos corrigir muitas expressões que usamos.” (A2-1).

“[...] porque usamos o português em todo o tempo, tanto p/ falar como p/ escrever.” (A5-1).

“Sim, porque o brasileiro é muito mau (sic) informado.” (A13-1).

No primeiro comentário, o verbo ‘corrigir’, além das afirmações “não sabem se expressar e falar a nossa língua corretamente”, deixa-nos explícita a idéia de certo/errado, conseqüentemente, temos aí a visão tradicional de ensino. Nas demais perguntas, encontram-se, também, respostas que mostram que o A2 concebe a linguagem como expressão do pensamento, por exemplo: “[...] Linguagem: é a maneira que usamos para falar e expressar nossas idéias.” (A2-10).

Já no segundo comentário, o A5 argumenta que o ensino de português é importante porque o utilizamos para falar e escrever. Com essa resposta, chegamos a uma conclusão devido às entrelinhas, quando o aluno se refere ao escrever e falar corretamente, que se trata de uma visão limitada e tradicional. Porém, o ensino de português

é muito mais do que isso. De acordo com os PCN's, a responsabilidade do professor em sala de aula é a de criar condições para que o aluno se torne mais crítico e aprenda a usar adequadamente a língua em suas modalidades oral e escrita. Mais adiante, o aluno reforça a concepção tradicional ao afirmar que o mais importante no estudo da língua portuguesa seria "A forma de empregar corretamente as palavras." (A5-6).

No terceiro caso, o A13 argumenta que o ensino de português é uma forma de transformar as pessoas em pessoas cultas, idéia tradicional que defende no decorrer do questionário. Afirma, inclusive, que o ensino de português serve para escrever corretamente. Essa última afirmação não deixa de fazer sentido, haja vista que tal meta também precisa estar inserida no ensino. No entanto, isso não deveria ocorrer somente na disciplina de português, mas em todas. Também, de nada adiantaria saber escrever corretamente, tanto na questão ortográfica quanto na questão sintática, se não soubéssemos tomar posicionamentos diante dos nossos pontos de vistas. Além disso, vale a ressalva de que o fato de "escrever corretamente" irá depender da situação sociocomunicativa em que o sujeito se encontra, isto porque é possível e desejável transgredir a variedade padrão em determinadas situações, como em: chats, propagandas, etc.

Ainda na questão nove, que aborda as concepções de linguagem:

9- A linguagem pode ser vista como expressão do pensamento, pode ser vista como meio de comunicação e como meio de interação entre as pessoas. Na sua opinião, dos pontos abordados acima qual é mais completo enquanto conceito de linguagem? Justifique:

O A13 responde da seguinte maneira: "Comunicação, forma de se expressar" (A13-9). Como percebemos, o A13 defende que a linguagem é uma forma de se expressar sendo, conseqüentemente, um recurso de comunicação. Desta forma, temos aqui uma concepção não bem definida: meio de comunicação ou meio de expressão do pensamento?

Ainda na questão nove, podemos extrair respostas que deixam clara a concepção dos alunos, vejamos:

"A expressão de pensamento, quanto maior o saber do indivíduo ele tem mais facilidade (sic) pensar, formar idéias." (A8-9).

"É a expressão de pensamento, mais (sic) é necessário saber passar aos outros esses pensamento. Depende da formação intelectual e social da pessoa." (A9-9)

As respostas dos alunos A8 e A9 são as mais claras e objetivas de todo o questionário, defendendo a linguagem como expressão do pensamento, pois o A8 afirma que quanto mais conhecimento, mais se saberá pensar e formar idéias e o A9 defende que é necessário saber passar aos outros o que se pensa, variando conforme a formação intelectual e social da pessoa.

Ainda, nesta questão, gostaríamos de chamar a atenção para a resposta do A2, que analisamos anteriormente, pois nessa resposta, ele foge às suas colocações anteriores que são extremamente tradicionais. Ao responder sobre as concepções de linguagem defende a abordagem interacionista, no entanto, como se trata de uma resposta isolada, fica difícil de considerar, devido a que, nas respostas anteriores, o aluno ter

deixado e a que, explícito o que tem internalizado inconscientemente e, nesse caso, refletiu para responder. Vejamos: “No meu ponto de vista, como meio de interação entre as pessoas, pois a linguagem que usamos, depende com quem conversamos e em que lugar estamos.” (A2-9).

Se o A2 tivesse internalizado a concepção de linguagem como meio de interação, certamente não teria usado muitas vezes o termo expressar idéias, tomando a linguagem como recurso para expor o que pensa. No entanto, se considerássemos essa resposta isolada, poderíamos até assegurar que o aluno concebia a linguagem como forma de interação, mas seria negligência de nossa parte desconsiderar o todo.

Dando seqüência, analisaremos respostas que comprovam que os alunos concebem a linguagem como meio de comunicação.

8- Qual a importância da linguagem para sua vida?

“Para me relacionar com as pessoas.” (A12-8).

“Se (sic) comunicar com as pessoas.” (A14-8)

Das respostas acima, podemos perceber que os alunos vêem a linguagem como um meio de comunicação. Isso fica evidente nas duas respostas anteriores, principalmente com o uso dos verbos relacionar e comunicar.

Na questão nove, que aborda as concepções de linguagem, um dos alunos afirma que a linguagem deve ser vista como meio de comunicação, vejamos: “Meio de comunicação, pois é como nos relacionamos com as pessoas a nossa volta” (A12-9). Nesse caso, o A12 afirma que nos relacionamos com os demais à nossa volta, pela comunicação.

Na pergunta sobre a importância da língua para a sociedade, o A14 faz a seguinte afirmação: “comunicação e entendimento com outras pessoas.” (A14-7). Por essa posição, pode-se afirmar que o importante da linguagem é a comunicação e, desta forma, proporcionar o entendimento com os que nos cercam.

Assim, do *corpus* coletado, 13,5% dos alunos no término do Ensino Básico têm internalizada a concepção de linguagem como meio de comunicação e os demais 86,5% têm internalizada a linguagem como expressão do pensamento. Esses resultados foram bastante similares nas duas escolas pesquisadas, o que denota não haver diferença entre o ensino público e o particular pesquisados, no tocante às concepções de linguagem.

Na análise dos dados, não se encontrou nenhum registro de alunos que tivessem internalizada a concepção interacionista, deixando-nos claro que as diretrizes vigentes, no campo pesquisado, não saíram do papel ou não vigoram ainda na prática. A concepção interacionista consistiria em o aluno defender a idéia de que a linguagem vai além da comunicação ou expressão do pensamento, que a linguagem é o recurso pelo qual nos constituímos, pelo qual transformamos o mundo, pelo qual criamos, transformamos, agimos, mudamos, etc. Como sabemos, o indivíduo que dominar essas qualidades, certamente vai interagir junto à sociedade, adequando-se às propostas abordadas pelos PCN's.

Mas, para saber o motivo que leva esses alunos a terem tais concepções de linguagem, aplicamos um questionário aos professores, do qual analisaremos agora apenas uma das perguntas, pois já vai nos deixar claro o porquê de termos muitas teorias relevantes no âmbito interacionista e poucas modificações nas concepções dos alunos.

9- A linguagem pode ser vista como expressão do pensamento, pode ser vista como meio de comunicação e como meio de interação entre as pessoas. Na sua opinião, dos pontos abordados acima qual é mais completo enquanto conceito de linguagem? Justifique.”

- “Meio de interação, pois interagindo na sociedade, o cidadão estará expressando o seu pensamento através da comunicação”. (Prof (a)1; ensino público).

- “A interação entre as pessoas, porque interagindo expressará seus pensamentos e se comunicará com eficiência”. (Prof (a)2; ensino público).

- “Um complementa o outro, mas o primeiro compreende que o sujeito tem um domínio da Língua nos seus vários segmentos”. (Prof (a)3; ensino particular).

Os professores 1 e 2 fazem afirmações contraditórias, pois os mesmos afirmam que a linguagem deve ser vista como meio de interação. No entanto, alegam que a partir do momento que o sujeito passa a interagir, está a “expressar seus pensamentos”, remetendo-nos à idéia de que não sabem o que significa, realmente, a linguagem como meio de interação, ficando claro que concebem a linguagem ainda como expressão do pensamento.

Para o professor 3, a expressão do pensamento consiste em se ter um domínio mais claro e abrangente da língua. Mas essa afirmação é consistente? Provavelmente, não, pois a afirmação é bastante vaga e não esclarece que além do domínio das normas da língua, prescritas pela gramática, é preciso conhecer o seu uso. Isso significa que não basta conhecer as regras da língua, é necessário também que se saiba como, onde, por que e com quem tais regras podem ser utilizadas. Assim, o professor precisa ter consciência desses fatos para que ele possa propiciar condições para que o aluno vivencie tais processos.

#### **4. O ensino de língua portuguesa nas escolas**

Com base na análise dos dados coletados, podemos considerar que o ensino está um tanto distante das metas estipuladas pelas diretrizes em vigor. Percebe-se que está impregnada, no ensino, uma visão bastante limitada em relação ao desenvolvimento da competência e desempenho lingüístico, ou seja, as escolas ainda se prendem muito ao ensino da metalinguagem, deixando de ajudar o aluno a desenvolver e ampliar a sua *competência discursiva* (cf. TRAVAGLIA, 2000).

Acreditamos que os profissionais que atuam em sala de aula deveriam reavaliar o ensino tradicional e a concepção de linguagem como expressão do pensamento. Também, deveriam avaliar até que ponto é viável estudar a língua através de palavras e frases soltas, como se usa em análises sintáticas, para verificar as regras e exceções.

Pode-se, sem sombra de dúvida, usar a gramática, mas de uma forma crítica, usando-a juntamente com o uso corrente da língua, fazendo um paralelo entre uma e outra e não utilizá-la somente para taxar regras de certo e errado.

Percebemos, durante a realização da pesquisa, o uso inadequado da gramática. Os professores assumiram o discurso da gramática tradicional como sendo o único e verdadeiro, ou seja, colocando as normas ditadas pela gramática como únicas e não como uma opção mais formal de se usar a língua padrão em meio à sociedade.

Tomando como base o lingüista Marcos Bagno (2003), percebemos que, hoje, as gramáticas tradicionais já não correspondem às necessidades lingüísticas exigidas pela sociedade, ou seja, à norma culta. Tendo a consciência de que os gramáticos partem dos grandes escritores literários como paradigma para o desenvolvimento de seus compêndios gramaticais, perguntamo-nos por que muitos dos escritores consagrados não são abordados? Seriam eles transgressores da língua culta? E os que são usados usam a língua de uma forma perfeita? Acreditamos que não.

Temos que ter consciência de que os gramáticos formam um estereótipo da língua partindo de escritores consagrados. Mas eles fazem uma análise na íntegra de como esses autores utilizam a língua? Também, usam somente o que eles julgam como sendo correto no uso da língua, e os escritores serviriam de base para reforçar o que afirmam, já que são consagrados e respeitados.

Segundo Bagno (2003), na gramática de Cunha & Cintra (1985) Machado de Assis (1839-1908) aparece 134 vezes. E autores mais recentes, que estão mais perto de nossa realidade lingüística aparecem poucas vezes e um exemplo disso é Guimarães Rosa (1908-1967) que, embora seja reconhecido internacionalmente como um dos maiores escritores do século XX, aparece somente 12 vezes. Em uma de suas pesquisas, Bagno identificou que os gramáticos não seguem uma metodologia científica.

Do acervo literário que selecionam, eles pinçam somente as ocorrências que corroboram sua própria visão tradicional do que é uso 'certo' e 'recomendável' (e o uso do adjetivo 'corretos' por Bechara é exemplo cristalino dessa atitude). Não importa se um mesmo grande escritor, se um mesmo clássico, usou 3 vezes uma forma 'certa e 30 vezes uma forma 'errada'.(2003, p.162)

Assim, tomar a gramática como sendo portadora de um discurso verdadeiro e único é uma atitude tradicional e distorcida da realidade lingüística. Assim, percebemos o porquê de ser necessário tomar uma postura crítica mediante a gramática. O professor precisa mostrar aos alunos que embora não seja portadora de uma verdade absoluta, a gramática ainda prescreve muitos paradigmas exigidos em alguns dos contextos mais formais da sociedade e, principalmente, que a língua vai muito além daquilo que as gramáticas apregoam.

Dessa forma, esse seria um dos desafios a ser enfrentado pelo profissional de ensino em sala de aula, pois o ensino ainda prega nas escolas uma concepção totalmente tradicional, o que não tem dado abertura para o novo, ou seja, para a nova forma de se

ensinar português, seguindo uma concepção mais direcionada aos estudos lingüísticos atuais, levando o aluno a ter conhecimento da língua como ela funciona e das suas mais variadas condições de uso.

Se o ensino assumisse essa concepção, acreditamos que não haveria tantos alunos reclamando que português é ruim, que não entende português e coisas desse gênero e não sairiam da escola sem ao menos conhecer a norma padrão e saber adequar o registro às diferentes situações discursivas. Percebemos que essa é uma questão que preocupa os alunos, o fato de os professores enchê-los de teorias gramaticais, com regras, exceções, conceitos, etc.

Faraco, em seu artigo *As sete pragas do ensino de português*, faz a seguinte afirmação, quando aborda o ensino da metalinguagem: “É um crime, portanto, encher a cabeça de nossos alunos com algo inútil, confuso, incompleto e absurdo.” (1975, p. 20).

Acreditamos que um pouco de conhecimento é mais do que necessário, devido ao fato de a sociedade brasileira cobrar isto em situações mais formais e que, se o indivíduo não dominar consideravelmente as regras que tendem a normatizar a língua, a sociedade não lhe será nem um pouco compreensiva.

Quando defendemos o estudo da gramática, referimo-nos ao que dela podemos aproveitar no uso do dia-a-dia e não àquele grupo de exceções e de formas eruditas não mais utilizadas pela maioria dos falantes, que se tornam maçantes a qualquer estudante, ocasionando um total desinteresse e pavor da própria língua.

Assim, se a maioria dos alunos não tem tido uma boa formação ao sair do Ensino Básico, isso é resultante das falhas do ensino, ou seja, é preciso que haja uma conscientização sobre o que significa ensinar o aluno a usar a língua e sobre o que significa ensinar metalinguagem. No primeiro caso, o aluno vai aprender a usar a língua nas mais variadas situações e, no segundo, vai aprender a metalingua: conceitos, regras, exceções...

Percebemos, na pesquisa de campo, que muitos dos estudantes que concluíram o Ensino Médio, no ano de 2004, em Imbituva - PR, têm sérias dificuldades quanto à oralidade, compreensão, interpretação e elaboração de textos, ou seja, saem com uma visão altamente tradicional e sem o domínio da norma padrão.

E o que essas abordagens têm a ver com as concepções de linguagem? Tudo, pois elas irão influenciar diretamente na formação do aluno, pois, segundo Travaglia, (2000) a metodologia adotada em sala de aula pelo professor é derivada da sua concepção de linguagem e essa vai interferir diretamente na formação discente.

## **5. Considerações finais**

Com os questionamentos e fatores abordados durante esta pesquisa, já é possível chegar a uma reflexão a respeito do ensino, principalmente, sobre o ensino de Língua Portuguesa no campo pesquisado e as concepções de linguagem que são predominantes.

Nosso intuito, neste artigo, consistiu em identificar as concepções de linguagem internalizadas por professores e alunos, assim como as metodologias utilizadas no ensino de Língua Portuguesa em sala de aula. Como notamos na análise acima, professores e alunos têm internalizada a concepção de linguagem como expressão do pensamento, sendo que, dos professores pesquisados e observados, 100% concebem a linguagem como expressão do pensamento.

Dos alunos pesquisados, notamos que 13,5% têm internalizada a concepção de linguagem como meio de comunicação e os demais 86,5% têm internalizada a linguagem como expressão do pensamento. Esses resultados foram bastante similares nas duas escolas pesquisadas, o que denota não haver diferença entre o ensino público e o particular pesquisados, no tocante às concepções de linguagem.

Na análise dos dados não se encontrou nenhum registro de alunos que tivessem internalizada a concepção interacionista, deixando-nos claro que as diretrizes vigentes, no campo pesquisado, não vigoram ainda na prática. A concepção interacionista consistiria em o aluno defender a idéia de que a linguagem vai além da comunicação ou expressão do pensamento, que a linguagem é o recurso pelo qual nos constituímos, pelo qual transformamos o mundo, pelo qual criamos, transformamos, agimos, mudamos, etc. Como sabemos, o indivíduo que dominar essas qualidades, certamente vai interagir junto à sociedade, adequando-se às propostas abordadas pelos PCN's.

Com isso, concluímos que o pequeno percentual que diferiu entre as concepções de linguagem sofreu a influência do meio externo, ou seja, a concepção de linguagem como meio de comunicação internalizada é independente à pregada em sala de aula, que é puramente como expressão do pensamento.

Um fator desconcertante, que ainda predomina, é o fato de que o ensino/aprendizagem de língua Portuguesa continue estagnado, apesar de haver possibilidades e recursos para um ensino mais produtivo e construtivo, através da linguagem para a sociedade em geral e, em especial, a cada estudante em particular.

Observa-se que quando o aluno chega à escola, ao invés de desenvolver o gosto pelo estudo de Língua Portuguesa, acaba desenvolvendo pavor, tudo devido a um processo metodológico de ensino inadequado, cheio de imposições que limitam o conhecimento lingüístico internalizado pelos alunos.

Logo, como pudemos notar nesta análise, o ensino continua sendo tradicional, pois os alunos saem do Ensino Básico sem saber o porquê de onze anos de estudo da língua materna. A visão deles está voltada principalmente às regras, exceções, concordâncias e processos gramaticais que estruturam a frase, métodos redacionais, e não sobre a importância de ter aprendido a utilizar a língua quer em contextos formais ou informais. Parte dessa visão deve-se ao fato de que os professores (de nosso *corpus*) possuem internalizada a visão de que língua serve apenas para expressão do pensamento.

Para tanto, há a necessidade de uma conscientização acerca do fato de que uma mudança no ensino de língua, apesar de urgente, não deve ser considerada como uma receita única que tem que ser seguida, mas sim como um estímulo à reflexão, a uma

mudança de ponto de vista e de atitudes em relação à língua. Assim, torna-se coerente com os avanços científicos que os profissionais que atuam em sala de aula busquem metodologias de ensino que englobem, na prática, as propostas sócio-interacionistas.

## 6. Referências

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Português Brasileiro?** Um convite à pesquisa. 3.ed. São Paulo: Parábola, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. As sete pragas do ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (org). **O texto em sala de aula: leitura e produção**. 7.ed. Cascavel: ASSOEST, 1984.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem. In: GERALDI, João Wanderley. Organização: **O texto em sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: ASSOEST, 1990.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2000.